

Política com fígado e com cérebro

- 4 DEZ 1994

JORNAL DE BRASÍLIA

TARCÍSIO HOLANDA

Senado

Está ficando cada vez mais evidente que o senador José Sarney ganha posição incontrastável, no PMDB e no Senado, como candidato a presidente do Senado. Não se acredita que o senador gaúcho Pedro Simon, líder do Governo no Senado, tenha qualquer chance de enfrentar Sarney, assim como não se crê no sucesso da articulação do senador eleito pelo PMDB de Goiás, Íris Rezende.

O receio expresso pelos parlamentares do PSDB que mais se envolveram em articulações contra Sarney é conhecido. Teme-se que Antônio Carlos Magalhães e Sarney acabem exercendo uma tutela política intolerável sobre o futuro presidente da República, o primeiro controlando a Câmara dos Deputados através do filho, Luís Eduardo, e o segundo dominando o Senado. Ambos são amigos e velhos aliados.

Que Antônio Carlos Magalhães e José Sarney são dois políticos de peso específico importante não se duvida. Que eventualmente têm interesses convergentes, também não. No entanto, pelo vôo próprio que têm, pelos interesses específicos que representam, não se pode dizer que tenham de trilhar necessariamente os mesmos caminhos. Nem sempre seus interesses são convergentes.

Eleito presidente do Senado, Sarney certamente continuará defendendo os seus interesses políticos, como é natural. Porém, não se pode desconhecer

que, ex-presidente da República, Sarney tem uma visão adequada do Brasil e do mundo de hoje. Essa visão é frequentemente coincidente com a de Fernando Henrique Cardoso e dos próprios tucanos. Sarney tem compromissos com a sua biografia e estaria mobilizado no Senado para ajudar a execução do projeto de Fernando Henrique.

Os receios são, portanto, bastante exagerados. É notório que tanto um quanto o outro político estarão interessados em que Fernando Henrique tenha êxito na tarefa de enfrentar a crônica crise brasileira. Ninguém, em sã consciência, tem interesse em que o Brasil continue mergulhado nessa mesmice, nessa estagnação sem esperança em que ficou desde o final do governo do General Geisel.

A convicção generalizada é a de que o Congresso exprimirá o anseio nacional pela superação da crise. O que significa que Sarney e Antônio Carlos Magalhães estarão naturalmente sintonizados com este sentimento nacional. Não tem sentido esperar que os dois políticos se unam para sabotar um programa de desenvolvimento do País, ainda que possam ter ligações com a parte atrasada da sociedade.

Ambos sabem que a superação de certos anacronismos políticos, econômicos e sociais constitui imperativo da evolução e da própria destinação histórica do Brasil. Eleito com votação consagradora no primeiro turno, menos

por um carisma eleitoral que não possui, mas pelo programa econômico que conseguiu montar, o presidente eleito não enfrentará grandes obstáculos no Congresso, pelo menos no primeiro ano.

Se o Plano Real tiver condições de resistir às ameaças de naufrágio, se as políticas sociais que o futuro presidente vier a adotar inspirarem confiança, o apoio popular tende a se consolidar e a se ampliar, e o Congresso se tornará mais dócil. Como dizem os velhos políticos, governo que está bem nas ruas, está muito bem no Congresso. Político, de modo geral, não simpatiza em assumir o ônus da impopularidade. Da popularidade, todos querem ser sócios. "Remember" Plano Cruzado.

Sarney e Antônio Carlos querem ser confundidos com o moderno, não com o obsoleto. Pragmáticos, suas antenas procuram captar os sinais de mudanças antes que eles se manifestem. Como dizia o velho Ulysses Guimarães, são ruminantes, ou seja, políticos que costumam dedicar as boas e úteis horas de ócio para refletir, especialmente para conjecturar sobre hipótese em que procuram se colocar como protagonistas, em cada uma e em todas elas.

Um velho conselho que não custa repetir: não se pode fazer política com o fígado.

■ **Tarcísio Holanda** é repórter de Política do Jornal de Brasília